

Para os meus amigos Hala Elkholy, Beatrice Velarde e José Ugaz, que me levaram em 2004 às montanhas de Machu Picchu, e para Gabriel, Nina e Paloma Lins e Silva, que um dia também chegarão lá!

Flávia

Para a minha amiga Isa,
melhor companheira de viagem, com quem explorei a magia das ruínas e montanhas de Machu Picchu.
E para Syl, nossa outra «hermana de viaje».

Joana







# Sumário


No início, tudo era o caos! ..... 15
O banho da *ñusta* ..... 23
O pássaro Chiuaco ..... 35
O sacerdote supremo ..... 41
A lei da selva ..... 49
Com gosto de chocolate ..... 57
Os imperadores incas ..... 63
*Arriba!* ..... 67
Inti Punku ..... 75
Saudações ao Sol ..... 81
A Montanha Sagrada ..... 89
Machu Picchu ..... 97
O imperador inca ..... 107
O calabouço ..... 115
Música e festa ..... 121
Sacrifício ..... 125
Uma história de amor ..... 131
Rumo a Cusco ..... 135
Portas abertas ..... 149

Enfim, juntos! ..... 153
Samba, suor e saúde ..... 157
Pequeno dicionário de quéchua ..... 169
Pequeno dicionário de *pilarês* ..... 170



AI, SE EU VIVESSE NUMA QUINTA... TERIA MUITOS LAMAS, COM CERTEZA!


VOU TENTAR!
É SÓ ENROLAR A FOLHA E SOPRAR.
SOCORRO!

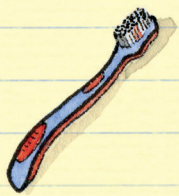
COISAS QUE TRAGO SEMPRE NA MALA:



APITO PARA CHAMAR PASSARINHOS



BÚSSOLA DE BOLSO
(DEU-MA O AVÔ PEDRO)



ESCOVA DE DENTES



GANCHO DE CABELO:
1001 UTILIDADES



COLAR COM O GLOBO TERRESTRE,
PARA EU ME ENCONTRAR NO MUNDO





O MEU DIÁRIO:
INDISPENSÁVEL!

# Pilar

AUTORRETRATO EXPLICADO




Diário de
Pilar
Ele é sempre um bom parceiro!
O, 5, 8!
Que Fêlino was nameiro!
Samba bom, Sa
Gato não, gato sim!

# No início, tudo era o caos!

Acordei a meio da noite com um pesadelo e uma terrível *crasma* — nome que inventei para a minha crise de asma. De vez em quando tenho isto, não sei bem porquê. Uma dificuldade de respirar, uma aflição no peito, umas saudades do meu avô… Confesso: tenho muito medo de perder quem amo. O meu avô foi-se para sempre, e até hoje não encontrei o meu pai. Mas uma coisa é certa: ninguém vai afastar-me do meu gato! Nunca! Por isso, assim que aquela conversa estranha começou, ao pequeno-almoço, senti um gosto horrível na boca, como se o pão tivesse ficado azedo de repente.

— Pilar, liguei para o doutor Jaime para falar da tua crise de asma e… acho melhor mandar o *Samba* para a quinta do Beto, irmão do Bernardo — disse a minha mãe.

— Não te preocupes. O *Samba* vai ficar bem lá na quinta…— tentou justificar o Bernardo.

O meu estômago ficou tão embrulhado que nem consegui responder. Encarei a minha mãe e o meu padrasto com um olhar selvagem e depois peguei no *Samba* ao colo e saí disparada para o quarto. Do corredor, ainda ouvi a voz da minha mãe, que insistia:

— Pensa com calma, Pilar. Talvez o *Samba* goste de viver ao ar livre e… arruma o seu quarto, por favor!

Arrumar o meu quarto?! Como é que a minha mãe podia pensar em arrumações no meio de um assunto tão sério?! Com o meu diário nas mãos e uns *headphones* nos ouvidos, atirei-me sobre a cama desarrumada, louca de vontade de conversar com o Breno. Pelo menos com o meu mais-do-que-amigo sei que posso falar sobre qualquer coisa a qualquer momento. Imaginem se o Breno alguma vez concordaria com aquela maluquice de enviar o *Samba* para uma quinta longe de mim! Jamais!

Para não pensar mais nisso, resolvi experimentar escrever uma letra para a música que o Breno estava a compor na sua viola. E quem é que disse que inventar uma letra de música é fácil? Rascunhei uma primeira ideia:

No calor da Amazónia
ou no frio da Lapónia,
tanta gente interessante
tanto canto fascinante...

Não, não! Que rimas mais previsíveis! Amassei o papel e atirei-o para o lixo, mas o *Samba* intercetou a bola a achar que eu queria brincar com ele. Que figurinha especial! Chamei o meu gato para o colo, fiz-lhe uma festinha muito fofa e expliquei:

— Daqui a pouco brincamos, *Samba*! Agora estou a criar uma letra de música. Escuta lá…

Sobrevoámos o Egito,
com seu imenso deserto.
Na Amazónia, aqui tão perto,
navegámos em labirinto.
Do alto do Olimpo,
avistámos o infinito...

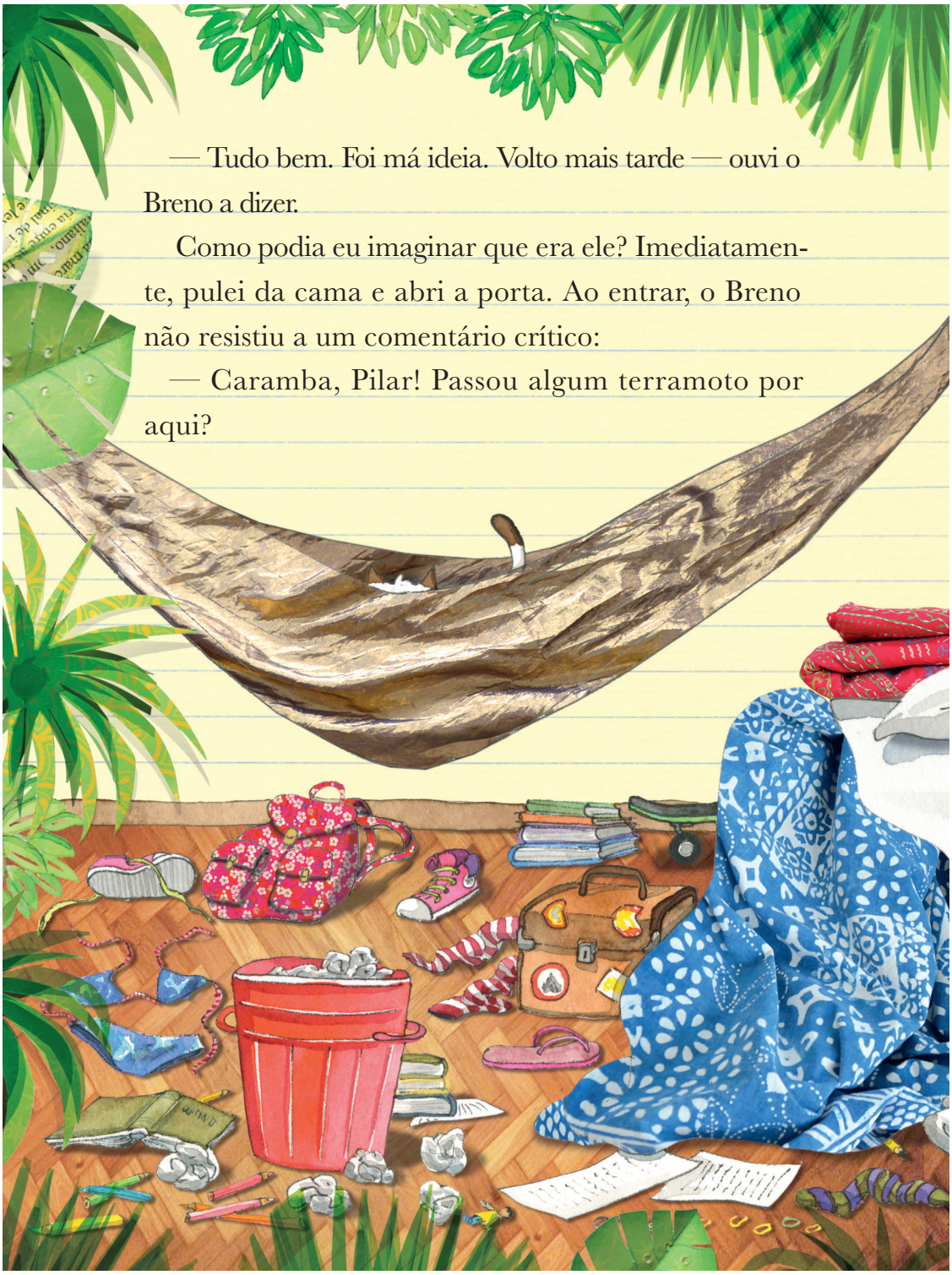
Não! Não era sobre as nossas viagens que eu queria falar. Atirei novamente o papel amassado para o lixo, só que desta vez o *Samba* não apareceu a fazer de guarda-redes. Talvez estivesse escondido debaixo dos lençóis espalhados pelo chão. Naquele momento, os meus pensamentos foram interrompidos por fortes pancadas na porta.

— Esqueçam! — gritei alto.

— Tudo bem. Foi má ideia. Volto mais tarde — ouvi o Breno a dizer.

Como podia eu imaginar que era ele? Imediatamente, pulei da cama e abri a porta. Ao entrar, o Breno não resistiu a um comentário crítico:

— Caramba, Pilar! Passou algum terramoto por aqui?





O meu quarto estava tão desarrumado que parecia uma selva!

Um pouco envergonhada, improvisei uma desculpa:

— É que o *Samba* e eu estávamos a brincar aos tornados e furacões, e então as coisas começaram a voar-me das mãos e caíram espalhadas! Foi uma loucura!

— Ah, entendo. E onde está a letra que prometeste escrever para a minha música? Vim até cá todo empolgado e até trouxe a minha viola.

Naquele caos, não havia maneira de encontrar os primeiros rascunhos. Ainda não estavam bons, mas queria mostrar-lhos, fosse como fosse. Puxei os lençóis, ergui as roupas e as almofadas em busca da letra desaparecida e… nada!

— *Samba*, viste a letra que eu fiz para o Breno?

— *Samba*?! — chamou o Breno. — Pilar, acho que o teu gato desapareceu no meio desta confusão, e tu nem notaste.

Tirámos todos os livros do chão, catámos as meias atiradas sobre o tapete e… nem sinal dele. Foi o Breno quem abriu a rede mágica e encontrou ali um pedaço de papel rasgado:

— Olha aqui! Parece que temos a metade de uma letra de música…

— Então a outra metade deve estar lá com o *Samba*.

— Lá onde, Pilar?

— É o que nós precisamos de descobrir. Rede mágica, leva-me que eu vou, leva-me aonde for! — disse eu, pulando para dentro dela.

Rapidamente, o Breno juntou-se a mim com a sua viola e começámos a girar e a girar até perdermos a noção de onde era o teto ou de onde era o chão.



